

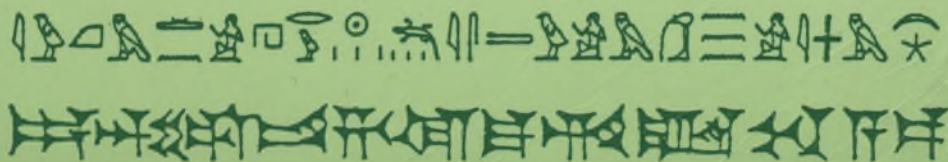
CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

2



E D I C I O E S
C O S M O S



OS ESTUDOS PRÉ-CLÁSSICOS EM PORTUGAL

Este ano de 1992 ficará certamente memorável nos «anais» dos estudos pré-clássicos em Portugal: vai concluir-se a parte escolar dos dois cursos de mestrado pela primeira vez em funcionamento no nosso país (História e Cultura Pré-Clássica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e História das Civilizações Pré-Clássicas na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa), saiu, no mês de Julho, o primeiro número de *Cadmo*, revista do Instituto Oriental da Faculdade de Letras de Lisboa, além de ser editado o terceiro número de *Hathor. Estudos de Egiptologia*, concretizando e alicerçando um projecto que nem todos anteviam como exitoso. Parece, assim, desenhar-se um ridente horizonte, propício para o desenvolvimento dos estudos pré-clássicos. E se, escrevendo em 1988, Maria Helena Trindade Lopes dizia que a Antiguidade Pré-Clássica era como que uma disciplina menor, «uma espécie de filha natural, para quem alguns olham com alguma ironia» ⁽¹⁾, essa deplorável situação hoje mudou de vez. Cumprindo ao signatário falar daquilo que bem conhece e sente, o exemplo de mudança poderá ser probatoriamente dado com o que aconteceu na Faculdade de Letras de Lisboa, onde ainda há dez anos atrás a área de estudos pré-clássicos não tinha qualquer prestígio e vivia numa incipiência e aridez que não motivava os alunos nem cativava os docentes.

Para os jovens assistentes recém-chegados à Universidade a cadeira de Sociedades, Culturas e Civilizações Pré-Clássicas (ou a sua antecessora, a cadeira semestral de Antiguidade Oriental), servia para se irem exercitando nas lides da docência, tarimbando-se no manuseamento de uma bibliografia que não os seduzia e na exposi-

ção de temáticas que estavam algo distantes dos seus habituais campos de investigação e de trabalho. Grandes mestres da nossa historiografia como os Professores Joaquim Veríssimo Serrão e Vitorino Magalhães Godinho ⁽²⁾ leccionaram a antiga cadeira de Antiguidade Oriental. Outros nomes consagrados, como os medievalistas José Mattoso e Pedro Gomes Barbosa ou o modernista Cordeiro Pereira não se esquivaram à transmissão do saber pré-clássico. Ousaríamos pensar que desse exercício docente, algo compulsivo, terá restado uma visão simpática das velhas civilizações da Alta Antiguidade, e sem dúvida um proveitoso enriquecimento cultural.

Praticamente a todos os jovens assistentes pouco afeitos ainda aos ritmos da docência universitária (e por vezes mesmo a outros assistentes mais antigos apanhados numa distribuição de serviço não muito curial), era inopinadamente cometida a cadeira de Sociedades, Culturas e Civilizações Pré-Clássicas independentemente da área normal de investigação e docência dos interessados: «era o castigo dado a quem começava» ⁽³⁾. Assim, nos últimos anos que antecederam a valorização e reabilitação da cadeira em 1983, foi ela na Faculdade de Letras de Lisboa atribuída a especialistas em Pré-História, Arqueologia, História e Cultura Clássica, foi regida por islamólogos e medievalistas, esteve a cargo de investigadores de História Social e Económica, de Cultura Portuguesa, foi dada por docentes das áreas de Descobrimientos e Expansão, História Moderna, Barroco e Rococó...

Os tempos, porém, são outros, e antevêm-se promissores: de entre os mestrandos que dentro de alguns meses defenderão as suas teses de mestrado sairão no futuro interessados orientalistas. Por agora escolhem-se temas, selecciona-se bibliografia adequada, acordam-se projectos com os orientadores, que os há, felizmente de bom nível, no nosso país.

As cadeiras de temática pré-clássica

É sobretudo em Lisboa que estão concentrados os estudos pré-clássicos. Os vários cursos de licenciatura em História (e variantes de Arte e Arqueologia) repartem-se pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (por vezes errada e abusivamente chamada de Universidade «Clássica»...), pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e ainda pelas universidades privadas (a Lusíada e a Autónoma Luís de Camões).

Quanto à Faculdade de Letras, conseguiu-se aí um profícuo equilíbrio entre professores e alunos, com cinco turmas de História e Cultura Pré-Clássica, onde a média de alunos por turma é de 35, número pedagogicamente aceitável, deixando para trás antigas práticas em que o docente se via perante uma multidão que teria de avaliar de forma «contínua». Tal ocorre actualmente devido ao facto de o Departamento de História dispor de quatro docentes da área pré-clássica: dois doutorados e dois assistentes, que são igualmente membros do Instituto Oriental da referida Faculdade.

No presente ano lectivo a cadeira de Sociedades, Culturas e Civilizações Pré-Clássicas está na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas a cargo de um doutorado, uma assistente (neste momento com dispensa de serviço para preparar o seu doutoramento) e um assistente estagiário, com duas turmas.

Nas universidades privadas não há qualquer doutorado da área de estudos pré-clássicos (de resto, poucos doutorados existem mesmo para as outras áreas históricas), valendo sobretudo o meritório esforço e a dedicação, à qual não falta um louvável entusiasmo, dos docentes que aí têm a seu cargo as respectivas cadeiras: a Dr.^a Inês Vaz Pinto na Universidade Lusíada, e o Dr. Simões Serra na Universidade Autónoma Luís de Camões (4), assistido pela Dr.^a Maria João Machado.

Ainda no âmbito das cadeiras de temática pré-clássica registemos as cadeiras opcionais que neste momento estão à disposição dos alunos: na Faculdade de Letras de Lisboa existem três (Hebraico Clássico, Introdução à Egiptologia e História da Arte das Civilizações Pré-Clássicas — à qual se juntará uma quarta que em anos anteriores integrava o leque das opções e que será novamente oferecida no próximo ano lectivo de 1992-1993: Literaturas Sapienciais Pré-Clássicas), e na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas há duas (Hebraico I e Hebraico II).

O panorama nas outras universidades do País não é o melhor, mas acreditamos que o entusiasmo de alguns e o interesse de muitos poderá modificar a situação existente. Na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, as cadeiras da área de estudos pré-clássicos têm sido confiadas a especialistas de Pré-História e Arqueologia, como em tempos sucedia na Faculdade de Letras de Lisboa. Felizmente que a entrada de um orientalista de mérito como o Dr. Geraldo Coelho Dias (que ultima a sua tese de doutoramento) veio trazer justificadas esperanças para uma visão mais completa e porventura mais correcta e abalizada sobre as civilizações pré-

-clássicas na universidade portuense ⁽⁵⁾. Quanto à Universidade de Coimbra, a sua Faculdade de Letras estranhamente nem sequer tem uma cadeira cuja designação aluda à temática que aqui tratamos, diluindo-se a abordagem das civilizações pré-clássicas nas Origens do Homem e da Civilização ⁽⁶⁾.

Acerca dos programas das cadeiras aqui mencionadas algo poderá ser afluído sem pretender fazer, por agora, juízos de valor avançados, até porque uma análise detalhada dos vários programas e guias de estudo existentes daria, por si só, para um artigo desenvolvido. Interessará, no entanto, referir os existentes, colocados no início dos anos lectivos à disposição dos alunos.

É notória a diversidade entre eles: uns são fotocopiados outros impressos, uns sofrem alterações de ano para ano, colhendo beneficiações que a prática pedagógica continuada vai aconselhando, outros mantêm-se iguais ao longo dos vários anos lectivos. Certos programas dão mais ênfase aos aspectos histórico-culturais, outros apresentam uma visão algo geografizante, uns ficam-se pelas clássicas regiões do Egipto, Mesopotâmia e Corredor sírio-palestiniano, outros percorrem subsidiariamente regiões limítrofes. Detectam-se programas claramente elaborados por docentes da área, lêem-se outros que reflectem as opções de especialistas noutros domínios que, por motivos vários, se viram na contingência de arcar com a leccionação da História Pré-Clássica.

Neste último caso estão, por exemplo, os programas de Civilizações Pré-Clássicas do 1.º ano do curso de História da Faculdade de Letras do Porto. Um deles foi elaborado pelo Professor Doutor Victor Oliveira Jorge, prestigiado e conhecido arqueólogo especialista em temas pré-históricos, que depois do capítulo dedicado às primeiras civilizações do Próximo Oriente avança para as «primeiras civilizações americanas» (os Olmecas, Maias, Aztecas e Incas), seguindo-se outro capítulo com as «primeiras civilizações da Ásia Meridional e do Extremo-Oriente» (Vale do Indo e China), rematando com um capítulo final sobre «a primeira civilização europeia: Egeu», onde, entre outros, menciona (e bem) os Cretenses. No entanto, com toda esta promiscuidade «pré-clássica», não são referidos os Hebreus, Fenícios, Hititas, Persas, habitualmente presentes nos programas de estudo das civilizações orientais que antecederam as civilizações clássicas da Grécia e Roma. Outro docente e promissor arqueólogo da mesma faculdade, o Dr. José Maia Marques, juntava ao capítulo do Oriente Pré-Clássico (Egipto, Mesopotâmia e Fenícios) um outro dedicado à Europa Pré-Clássica (com os Celtas, os Etruscos, a Península Ibérica

e a cultura castreja do Nordeste peninsular), aconselhando aos seus alunos, na bibliografia, o uso do «Guia de Estudo» que, com algumas imprecisões, insuficiências e anomalias, ainda se mantém em vigor na área de história pré-clássica da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (7).

Algo semelhante é o panorama na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde o estudo das notáveis civilizações e culturas do velho Oriente Antigo se dilui em capítulos de uma cadeira generalizante e absorvente designada por Origens do Homem e da Civilização. Tal cadeira era leccionada, no ano lectivo de 1991-1992, por três docentes que, a avaliar pelos programas e respectivas bibliografias, não eram especialistas da área de civilizações pré-clássicas. Assim, no programa da cadeira de Origens do Homem e da Civilização confiada ao Dr. António Nunes Monteiro verifica-se que dos cinco capítulos previstos o quarto é dedicado às civilizações do Próximo Oriente, com cinco pontos desta forma distribuídos:

- 4.1. O desenvolvimento urbano e a invenção da escrita.
- 4.2. Os Sumérios e os seus contemporâneos.
- 4.3. Os Babilónios e os Assírios.
- 4.4. Os Hititas e Hurritas.
- 4.5. Os Povos do Mar.

Como facilmente se conclui, a civilização egípcia é aqui omitida num espantoso e incompreensível lapso (a não ser que fosse bizarramente evocada aquando da abordagem da problemática ligada aos Povos do Mar). (8)

O programa da mesma cadeira elaborado pelo Dr. Domingos da Cruz contemplava quatro capítulos, o último dos quais tratava de «As primeiras sociedades complexas e a passagem para a Civilização», com o ponto 4.3 a dedicar-se às primeiras sociedades urbanas e estatais do Próximo Oriente (4.3.1. A Mesopotâmia; 4.3.2. O Egipto). Depois, numa visão mais alargada que o anterior programa, avança para a Índia e a China, a América pré-colombiana, a África Central e Oriental (9).

Quanto ao terceiro programa da referida cadeira, com leccionação a cargo do Dr. Vasco Gil Mantas, as civilizações pré-clássicas encontram-se aí mais desenvolvidamente contempladas: dos dez capítulos seis abordam de alguma forma a temática (IV. As origens da civilização; V. Limites geográficos e cronológicos do Oriente Antigo; VI. O problema da cronologia; VII. As civilizações antigas do Próximo Oriente Asiático; VIII. O Egipto; IX. Creta). Acrescente-se que o programa prevê duas aulas práticas: I. Escritas e literaturas do mundo pré-clássico; II. Ciência e tecnologia no Oriente Antigo (10).

Seria interessante saber como é que o docente em questão abordaria uma temática tão complexa (e ainda por cima em aula prática) como é a escrita dos povos focados no programa: a escrita cuneiforme dos Mesopotâmicos e a escrita hieroglífica dos Egípcios.

Os Institutos e os mestrados

Precípua e insubstituível missão cabe aos institutos universitários existentes em Lisboa vocacionados para os estudos pré-clássicos: eles dispõem de bibliotecas especializadas que continuam em fase de bom desenvolvimento e neles se têm vindo a concretizar os cursos de mestrado em boa hora iniciados no ano lectivo de 1990-1991.

O Instituto Oriental da Faculdade de Letras de Lisboa, dirigido pelo Professor Doutor José Nunes Carreira, foi criado em 1986 e entrou em pleno funcionamento em 1990, como natural consequência da reabilitação da área iniciada sete anos antes⁽¹¹⁾. Nele funciona o curso de mestrado em História e Cultura Pré-Clássica, com as respectivas disciplinas regidas exclusivamente por docentes doutorados e especialistas nos temas do elenco curricular oferecido aos mestrandos.

O Instituto Oriental da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, de que é director o Professor Doutor António Augusto Tavares, trata das civilizações pré-clássicas e alcança ainda a China, o Japão, a Coreia, a Índia e a Malásia. Tem em funcionamento um curso de mestrado em História das Civilizações Pré-Clássicas⁽¹²⁾.

Os mencionados institutos têm ainda desenvolvido meritórios esforços no sentido de divulgarem os temas pré-clássicos, num propósito de sensibilização e alargamento de conhecimentos que se julga positivo, com a organização de cursos vários e a realização de conferências. Assim, promoveu o Instituto Oriental da Faculdade de Letras de Lisboa, nos dois últimos anos, um curso livre de Iniciação ao Egípcio Clássico (1989-1990), uma exposição bibliográfica e documental de temática pré-clássica (Fevereiro de 1990), além de diversas conferências onde se apresentaram temas do âmbito da assiriologia (Professor Doutor Emanuel Bouzon), da hebreiologia (Professor Doutor Francolino Gonçalves) e egiptologia (Professor Doutor Josep Padró).⁽¹³⁾ De salientar ainda os cursos intensivos de académico organizados pelo Instituto de História Antiga e Judaica da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas⁽¹⁴⁾, tendo o Instituto

Oriental da referida faculdade levado a efeito igualmente várias conferências: «Presenças orientalizantes em Portugal da Pré-História ao período romano» (1989), de cujo encontro foram posteriormente publicadas as actas das intervenções (15) e «O legado cultural de Judeus e Mouros» (1990), também com as actas publicadas.

Acrescente-se ainda que, procurando levar a suas actividades para além do espaço universitário, o Instituto Oriental da Faculdade de Letras de Lisboa tem vindo a dar apoio científico ao estudo de diversas colecções egípcias existentes em Portugal, por forma a preparar a sua futura exibição ao público em moldes museológicos actuais e bem assim preparando a edição dos respectivos catálogos (16).

Será justo mencionar ainda os estudos pré-clássicos, sobretudo de âmbito bíblico, dinamizados na Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, nomeadamente na sua Faculdade de Teologia. Aí leccionam hebraístas de mérito, como, entre outros, o Professor Doutor João Lourenço (director da referida faculdade), o Professor Doutor Carreira das Neves, além do Dr. Armindo Vaz que está preparando o seu doutoramento, e o Dr. José Ornelas de Carvalho, que se encontra igualmente a preparar a tese de doutoramento. As secções de Coimbra e do Porto da Universidade Católica Portuguesa contam igualmente com os seus biblistas, alguns já doutorados. É pois na área da hebreologia que o orientalismo em Portugal se revela mais forte: de facto, entre os docentes das nossas universidades que leccionam temas pré-clássicos existem bons hebraístas, uns com doutoramento feito na área do Novo Testamento, outros (a maioria) no Antigo Testamento. Parece ser oportuno, e sobretudo motivante e deveras inspirador, salientar a concretização exitosa do primeiro doutoramento em História Antiga de âmbito pré-clássico feito em Portugal: aconteceu com o Professor Doutor José Augusto Ramos, do Instituto Oriental da Faculdade de Letras de Lisboa (17).

Dir-se-á que estão criadas sólidas e fecundas condições para que se desenvolvam cada vez mais no nosso país os estudos pré-clássicos (18). Não sendo concretizável, e nem sendo necessária, a proposta feita em 1974 pelo emérito historiador Vitorino Magalhães Godinho no sentido de ser criada uma Faculdade de Ciências Orientais e Africanas (19), haveria que robustecer, valorizar e prestigiar os estudos pré-clássicos nas nossas universidades, procurando que o Porto, Coimbra e mesmo Évora alcançassem o dinamismo orientalizante desta Babilónia que é Lisboa.

Notas

(1) In «Hora Zero: A realidade portuguesa no domínio da Antiguidade Pré-Clássica», *Penélope. Fazer e Desfazer a História*, n.º 2, Fev. 1989, p. 144.

(2) Na sequência da sua experiência de leccionação da temática pré-clássica na cadeira de Antiguidade Oriental, nomeadamente na parte dedicada ao Egipto faraónico, publicaria o esforçado erudito *O Antigo Império Egípcio*, Empresa Contemporânea de Edições, Lisboa, s.d., um aliciante e ponderado estudo, embora de toque algo pirrénico e com uma carga fortemente economicista saído depois como artigo incluído em *Ensaio*, vol. I, Liv. Sá da Costa, Lisboa, 1968, pp. 15-49.

(3) Maria Helena Trindade Lopes, *o. c.*, p. 148. Por isso, «desse castigo, obviamente, só podiam ficar más recordações. Para os próprios, e para os outros que os escutavam, e que pressentiam decerto um interesse mínimo e uma inevitável carência de especialização, o que traduzia uma realidade de certo modo determinada pela ausência total de estruturas de apoio a esta área, nessa data» (*ibidem*).

(4) Embora, lamentavelmente, tenha sido um docente da Universidade Autónoma a publicar um deplorável manual (certamente utilizado pelos seus alunos de História Geral da Arte, cadeira do Departamento de História da referida universidade privada), onde o Egipto faraónico é alvarmente maltratado, devido a um manifesto desconhecimento do tema que o seu autor patenteia (ver João Correia, *A Arte. Uma História Visível*, I, Edições Rumo, Lisboa, 1987).

(5) O Dr. Geraldo Coelho Dias é um dos autores que colaboraram no primeiro número de *Cadmo*, revista do Instituto Oriental da Faculdade de Letras de Lisboa, reflectindo a sua colaboração a política da mencionada revista em obter o concurso dos especialistas portugueses no campo do orientalismo.

(6) Cf. *Guia do Estudante. História*, Ano lectivo 1991-1992, publicação do Conselho Pedagógico, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 13-21. Os três programas da cadeira de Origens de Homem e da Civilização dizem bem da diminuída e truncada visão que no curso de História da Universidade de Coimbra se dá das grandes civilizações pré-clássicas que antecederam, e em certa medida prepararam, as civilizações clássicas da Grécia e de Roma. E no entanto, a mesma Faculdade de Letras de Coimbra, onde os estudos pré-clássicos estão algo secundarizados, conta entre os seus docentes com um prestigiado e respeitado hebraísta, o Professor Doutor Manuel Augusto Rodrigues, que aí tem a seu cargo a cadeira opcional de Hebraico (*id.*, p. 148). O Professor Doutor Manuel Augusto Rodrigues colabora no mestrado em História e Cultura Pré-Clássica no Instituto Oriental da Faculdade de Letras de Lisboa e faz parte do corpo de colaboradores permanentes da sua revista *Cadmo*.

(7) Cf. *Guia do Estudante da Faculdade de Letras do Porto*, n.º 9, História, 1.º ano, edição do Conselho Directivo, Faculdade de Letras do Porto, 1988-1989 (páginas não numeradas). Acrescente-se que na mesma faculdade existe a cadeira de Arte Antiga, a cargo do Dr. Celso Francisco dos Santos, na qual os dois primeiros capítulos se debruçam sobre a temática da arte pré-clássica: I.1. As Civilizações do Próximo e Médio Oriente Antigos (3000 a. C. -651 d. C.), com a arte no Egipto e na Mesopotâmia; II.1. A Civilização Creto-Micénica.

(8) Cf. *Guia do Estudante. História*, Ano lectivo 1991-1992, publicação do Conselho Pedagógico, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, p. 13.

(9) *Id.*, p. 16.

(10) *Id.*, pp. 19-20. Sublinhe-se que a cadeira de História da Arte Antiga ministrada na mesma faculdade por dois docentes (a Professora Doutora Maria Helena da Rocha Pereira e o Professor Doutor Jorge de Alarcão) contempla apenas a Grécia e Roma (*id.*, pp. 32-36), ao contrário do que sucede com a cadeira de designação idêntica leccionada na Faculdade de Letras do Porto (nota 7).

(11) Ver notícias respeitantes à entrada em funcionamento do Instituto Oriental da Faculdade de Letras de Lisboa em *Hathor. Estudos de Egiptologia*, n.º 2, pp. 120-122, e em *Cadmo*, n.º 1, pp. 229-230.

(12) No mestrado em questão será de sublinhar a participação do egiptólogo francês Pascal Vernus, que em muito veio beneficiar os mestrandos que optaram pela área de Egiptologia e que certamente terão nele um muito qualificado orientador de tese.

(13) Registe-se que os mencionados especialistas colaboram no mestrado em História e Cultura Pré-Clássica a decorrer na Faculdade de Letras de Lisboa: o Professor Doutor Emanuel Bouzon tem a seu cargo disciplinas da área de assiriologia (Sociedade e Economia da Mesopotâmia e Língua e Cultura Acádica); o Professor Doutor Francolino Gonçalves rege uma disciplina da área de hebraística (Profetismo no Oriente Antigo e em Israel); ao Professor Doutor Josep Padró caberão no ano lectivo de 1992-1993 duas disciplinas da área de egiptologia (História e Cultura do Egito Faraónico e Egípcio Clássico), tendo a sua participação sido possível graças ao apoio da Embaixada de Espanha.

(14) Os cursos intensivos de Acádico (num total de 60 horas) foram organizados pelo Instituto de História Antiga e Judaica da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em 1985 (Acádico I: 4-15 de Fevereiro e Acádico II: 2-13 de Dezembro), sob a orientação do Prof. Francis Joannès (então Professor da Escola do Louvre). Desde 1981 que o referido instituto (mais tarde, transformado em Instituto Oriental) promove regularmente a vinda ao nosso país de conceituados especialistas estrangeiros (sobretudo em áreas mais carenciadas como a assiriologia e a egiptologia). Ao abrigo de tal política visitaram-nos para orientarem encontros de estudo e/ou proferirem conferências, em 1981, o arqueólogo francês André Parrot; em 1982 o orientalista e especialista em temas de arte do Médio Oriente, Pierre Amiet (Docteur ès Lettres e Conservateur en chef du Département des Antiquités Orientales du Musée du Louvre); em 1983, o assiriólogo Paul Garelli (Professor da Sorbonne e Directeur d'Études à l'École Pratique des Hautes Études); em 1985, o já mencionado assiriólogo Fr. Joannès; em 1990 e 1991, Pierre Villard (Professor da Sorbonne na área da linguística acádica) e, em 1991 e 1992, o egiptólogo Pascal Vernus (Directeur d'Études à l'École des Hautes Études, onde ensina Filologia e Linguística do Antigo Egito). Os dois últimos foram os responsáveis pelas disciplinas de Língua Acádica e Egípcio Hieroglífico leccionadas, respectivamente, nos 1.º e 2.º anos do mestrado de História das Civilizações Pré-Clássicas da referida Faculdade. No âmbito do mesmo mestrado, coube ainda a Pascal Vernus a orientação de um curso sobre Antropologia e Cosmogonia na Religião Egípcia.

(15) Um encontro que teve sobretudo a heterogénea participação de arqueólogos, pré-historiadores e um traciólogo, entre outros, com artigos e comunicações muito diversas, notando-se nalguns deles como as alusões ao Egipto são estranhamente e superfluamente medidas à força.

(16) Ver «Colecções Egípcias em Portugal», in *Cadmo*, n.º 1, 1991, pp. 237-239. Além disso os seus docentes têm participado em várias conferências, encontros e seminários onde divulgam temas de história e cultura pré-clássica, visando sobretudo grupos e meios não universitários.

(17) A tese defendida apresentou-se com o título de «O sufixo verbal não-acusativo em hebraico antigo no contexto semítico do Noroeste».

(18) Um aspecto desse desenvolvimento patenteia-se nas já mencionadas revistas *Hathor. Estudos de Egiptologia* (com direcção de Maria Helena Trindade Lopes) e *Cadmo* (com direcção de José Nunes Carreira). Mais engrandecida e apoiada ficará a área quando começarem a ser publicados os volumes de uma nova colecção de História e Cultura Pré-Clássica chamada «Orientalia Lusitana», da autoria de docentes do Instituto Oriental da Faculdade de Letras de Lisboa, numa acção patrocinada pelas Edições Cosmos. Prevê-se para 1993 a saída dos dois primeiros títulos da colecção: *História Antes de Heródoto* (de José Nunes Carreira) e *O Clero de Amon no Antigo Egipto* (de Luís Manuel de Araújo).

Registe-se também a saída, prevista para breve, de uma colecção vocacionada para «Temas de Egiptologia», onde se incluirão, para já, dois títulos, da autoria do signatário: *Egipto: As Pirâmides do Império Antigo* e *Estudos sobre Erotismo no Antigo Egipto*. A referida colecção integra-se no plano editorial das Edições Colibri. Acrescente-se ainda a publicação de um útil e muito necessário guia de estudo da autoria de José Nunes Carreira: *Introdução à História e Cultura Pré-Clássica* (que a Europa-América prevê editar em finais de 1992).

(19) In *Um Rumo para a Educação*, Cadernos República, Ed. Gráfica Portuguesa Ltd., Lisboa, 1974.

Luís Manuel de Araújo

TEXTOS LEGAIS DE NÍNIVE

Mais um volume da série SAA foi editado durante 1991 pela Helsinki University Press, sob a orientação de Theodore Kwasman e Simo Parpola e intitulado «Legal Transactions of the Royal Court of Niniveh — Part I (Tiglath-Pileser III Through Esarhaddon)».

Composto por textos dos reinados de Sargão II e dos primeiros reis, e dos de Senaqueribe e Assarhadon, é completado pelos já